



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**DANIEL MARINHO FARIAS**

**ÂNCORA DO MARUJO:**  
**REDUTO DA CENA DRAG DE SALVADOR**

Salvador

2022

DANIEL MARINHO FARIAS

**ÂNCORA DO MARUJO:**

REDUTO DA CENA *DRAG* DE SALVADOR

Memorial descritivo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau em Comunicação com habilitação em Jornalismo, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Nogueira Tavares

Salvador

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, à minha família por ter me apoiado todos esses anos.

À Universidade pública, por desenvolver um ensino de qualidade, em especial à Faculdade de Comunicação, que desempenha uma ótima formação aos seus alunos, tanto na área acadêmica quanto na social.

Agradecimentos ao meu orientador, Prof. Dr. Maurício Tavares, pela paciência e por esperar esses dois últimos anos no qual vivemos a pandemia do coronavírus, até que eu pudesse realizar as gravações do podcast para o TCC, e à jornalista Juliana Rodrigues, por fazer a edição final do produto.

Aos componentes da banca, Prof. Dr. Sérgio Sobreira, e Genilson Coutinho, ativista LGBTQIA+ e editor do site Dois Terços.

## RESUMO

Este memorial descreve a produção do podcast “Âncora do Marujo: reduto da cena *drag* de Salvador”. O produto, dividido em dois episódios, em que retrata o bar Âncora do Marujo e a importância do estabelecimento para a cena *drag queen* e LGBTQIA+ da cidade, os concursos de melhores drags, bem como o fenômeno das *drag queens* mulheres, que é pouco visto em outras regiões do país. Neste memorial, são descritas as etapas da elaboração do produto, que é apresentado como um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Comunicação com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal da Bahia.

**Palavras-chave:** *drag queen*, *drag*, Marujo, LGBTQIA+, gays.

## SUMÁRIO

<b>1. ONDE TUDO COMEÇOU</b>	<b>6</b>
<b>2. COMPREENDENDO O FORMATO</b>	<b>8</b>
<b>3. O PRODUTO</b>	<b>10</b>
3.1 A CULTURA <i>DRAG</i> E O ÂNCORA DO MARUJO	14
3.2 PROCESSO DE PRODUÇÃO	17
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>21</b>

## 1. ONDE TUDO COMEÇOU

O meu desejo de fazer uma graduação em Jornalismo vem desde a adolescência, mas não consegui passar no vestibular para a Universidade Federal da Bahia entre os anos de 2005 e 2006. Como meus pais não gostavam da ideia de que eu fizesse um curso de Comunicação, acabei me formando em Administração no ano de 2011. Em 2012, consegui ser aprovado para cursar Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na UFBA. Prossegui no curso até o ano de 2013, quando decidi abandonar de vez a universidade. No entanto, em 2017, verifiquei que poderia voltar a me matricular no curso de Jornalismo, e assim fiz. Entre 2020 e 2022, não cursei disciplinas, devido à pandemia do coronavírus, e cheguei à elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso no semestre 2022.1.

Fui um aluno regular durante o curso, em vários momentos pensei em desistir, pois não me identifiquei com a produção de conteúdo para Jornalismo, no quesito de fazer matérias, reportagens e entrevistas. Estar na Faculdade de Comunicação, fazendo uma segunda graduação e não ter perspectiva de trabalho sempre foi doloroso pra mim. Mas ao mesmo tempo em que continuar o curso de Comunicação me causou um certo sofrimento, a faculdade me proporcionou melhor entendimento e interpretação de assuntos gerais e o desenvolvimento da leitura, pois passei quatro anos, desde quando decidi largar o curso, sem fazer grandes leituras de forma contínua.

Na área da comunicação, o que sempre me chamou atenção foi a assessoria, talvez por ter conteúdos afins com a minha formação anterior, de bacharel em Administração. No decorrer desta graduação em Comunicação com habilitação em Jornalismo, meu foco se voltou para os estudos de demandas de marketing e comunicação que giram em torno de empresas ou personalidades e no desenvolvimento de estratégias para uma boa colocação no mercado dos mesmos.

Através das aulas com os professores da Facom, tive uma experiência interessante, pois a prática constante de escrever e fazer entrevistas para matérias me proporcionou uma melhor rapidez para verificar conteúdos, melhorou minha cognição e agilidade para leitura.

Mesmo com os benefícios, a realização de matérias jornalísticas para cumprir os requisitos de avaliação em disciplinas na faculdade sempre me causou desconforto. Ao fazer as entrevistas com as fontes sobre determinados assuntos, me sentia inseguro e com medo da reação dos entrevistados, motivo pelo qual profissionalmente fui me afastando do jornalismo

cotidiano e me dedicando à área de assessoria e marketing.

Ao começar a produzir o Trabalho de Conclusão de Curso, tive muitas dúvidas sobre o que iria fazer, mas havia a certeza de que seria algo relacionado à cultura LGBTQIA+<sup>1</sup>, pois sou *gay* e tenho muita aproximação com a militância da causa em Salvador. Frequento com intensidade os movimentos culturais dessa cena em Salvador, desde eventos noturnos, feiras e exposições às paradas do orgulho LGBTQIA+ da região metropolitana de Salvador e de outros municípios do interior do estado da Bahia.

A decisão sobre qual tema eu iria abordar no Trabalho de Conclusão de Curso se deu na disciplina Elaboração de Projeto em Comunicação, ministrada pela professora Maria Carmen Jacob, que foi bastante acolhedora. A partir desse momento decidi que faria algo sobre o bar Âncora do Marujo. Como minha pretensão desde o início era fazer algo com a temática LGBTQIA+, ouvi conselhos de professores e alunos da Facom e deixei para o final do curso as disciplinas obrigatórias ministradas pelo professor Maurício Tavares, que orienta trabalhos voltados para esse assunto. Assim, fiz a Oficina de Radiojornalismo e conseqüentemente a disciplina Desenvolvimento Orientado de Projeto, em semestres seguidos, concluindo todos os componentes e a carga horária obrigatória do curso de Jornalismo no final de 2019, restando apenas o Trabalho de Conclusão de Curso.

Fazer um produto com texto jornalístico para um podcast como TCC foi bem desafiador, pois não tenho boa dicção e nunca trabalhei ou pratiquei a narração de produtos jornalísticos. Quando fiz a disciplina de radiojornalismo, a prática de narração era para textos curtos e trabalhos finais com no máximo 10 minutos de narração para podcast. Muitas vezes, eles eram feitos em equipe, onde sempre ocorre de ter alunos como melhor dicção para os podcasts, que acabam por falar mais nas atividades da disciplina de radiojornalismo.

---

<sup>1</sup> Sigla utilizada para designar pessoas lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais, *queer*, intersexo, assexuais e com outras orientações sexuais e identidades de gênero.

## 2. COMPREENDENDO O FORMATO

Para compreensão do que representa o podcast na atualidade e o papel dele na comunicação, é preciso saber o que ele é. Berry (2006, p. 144) definiu podcast em “conteúdo de mídia enviado automaticamente a um assinante através da internet”. Assim, pode-se dizer que ele não se restringe apenas a áudio; vídeos também podem ser caracterizados dessa maneira, embora no Brasil haja uma restrição quanto ao uso do termo para esse tipo de produto e os programas de vídeo sejam chamados como *videocasts*, de acordo com Luiz in Lopes (2015, p. 67). Conforme Primo (2005, p. 2), “podcasting é um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet”.

De acordo com o pesquisador Pablo de Assis (apud LUIZ, 2014), o podcast é uma nova forma de vivenciar a comunicação auditiva. Uma experiência estética nova do som e do áudio, diferente daquela que o rádio ou mesmo a web rádio pode oferecer. Ele atribui a maioria dessas potencialidades ao advento da assinatura por RSS<sup>2</sup>, em um primeiro momento, e à hospedagem em plataformas de áudio, nos últimos anos.

A atemporalidade é bem característica do podcast. Os programas têm vida longa, pois ficam disponíveis para download por tempo indeterminado e podem ser baixados e escutados pelo ouvinte a qualquer momento, quantas vezes ele quiser. O tempo, em vários sentidos, é questão flexível quando se trata de podcast. O ouvinte consegue “percorrer” um episódio e voltar para escutar algo novamente ou pular uma parte.

A quem produz um podcast, a questão da periodicidade é opcional, já que, sendo hospedado em alguma plataforma na internet, o ouvinte ficará sabendo quando houver conteúdo disponível (Assis, 2014). O podcast pode ser ouvido onde a pessoa desejar, por meio de um smartphone, um iPod, um tablet, o aparelho de som do carro, um computador, entre outros dispositivos.

No podcast, não existem os limites de uma grade de programação ou do alcance geográfico das ondas eletromagnéticas, como na radiodifusão. Para o consumidor deste tipo de produto, basta escolher um assunto de preferência. Sobre essa nova dinâmica de escolha no consumo de conteúdo em áudio, Assis afirma:

---

<sup>2</sup> Sigla em inglês para Rich Site Summary ou Really Simple Syndication, uma forma simplificada de apresentar e distribuir o conteúdo de um site.



Esse exercício de liberdade que o podcast oferece é uma boa forma de mostrar ao usuário o poder de suas ações e decisões. Ouvir um podcast não é como ouvir uma rádio: “o que será que está passando?”, mas é uma ferramenta criativa: “vou ouvir o que eu quero” e quando quero. (ASSIS, 2014)

Nos primeiros anos da criação do podcast, era necessário o download dos arquivos para reprodução. Atualmente, o acesso gradual da população a planos de internet que oferecem maior velocidade e com limites cada vez maiores de conexão móvel dados pelas operadoras permite ao ouvinte baixar o áudio em seu dispositivo ou consumi-lo por streaming<sup>3</sup>. O usuário, então, não tem a necessidade de armazenar o arquivo final postado no próprio dispositivo. Desta forma, a tecnologia do RSS e por consequência a prática tradicional da assinatura, deixou de ser decisiva para o consumo de podcasts.

A estimativa é de que o número de consumidores de podcast no Brasil cresceu 16%, em 2019, com 17,3 milhões de ouvintes. Em 2020, o crescimento foi de 100% com 34,6 milhões de usuários, segundo a Podpesquisa, realizada pela Associação Brasileira de Podcasts<sup>4</sup>.

O formato de podcast facilita a difusão de radionovelas também. Plataformas como o Castbox e o Anchor FM distribuem os áudios para outras, como Spotify, Deezer, Google Podcasts e TuneIn. Sendo assim, um áudio pode ser escutado pelos ouvintes de todas essas plataformas. O formato em podcast, por ter uma maior abrangência em variedade de temas do que o rádio, é um meio de comunicação mais específico, e o ouvinte pode escolher exatamente o que deseja ter acesso.

---

<sup>3</sup> Forma de distribuição de conteúdo multimídia por meio da internet, em tempo real.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso em 05 de maio de 2022.

### 3. O PRODUTO

O podcast sobre o bar Âncora do Marujo envolve minha experiência como cliente do bar desde 2005 e minha relação com muitas *drags* que fazem show na casa. As pesquisas sobre o cotidiano dos atores transformistas, o funcionamento do espaço e fatos históricos que ocorreram nos 22 anos de existência, são frutos dessa ligação com as pessoas que fazem parte do local.



Figura 1: fachada do bar Âncora do Marujo

O Âncora do Marujo foi fundado em 13 de abril de 2000, localizado na Rua Carlos Gomes, centro de Salvador. No local, já funcionaram mais de 11 bares e casas de shows voltados para o público LGBTQIA+. O prédio onde funciona o espaço já abrigou outra casa do mesmo gênero, o bar Artes e Manhas. O Âncora do Marujo é muito conhecido como uma casa de shows de *drag queens* e atualmente é o local mais antigo em funcionamento para o público LGBTQIA+, com 22 anos de existência.



Figura 2: entrada do bar Âncora do Marujo

No Bar Âncora do Marujo, fiz grandes amizades com travestis e *drag queens* que se apresentam em shows e eventos. O local sempre me proporcionou acolhimento.

O Âncora do Marujo é um local para se ouvir muitas histórias, desde a vida das travestis e *drags* que fazem show na casa às novidades que acontecem na cidade. O bar tem um público bem variado, de pessoas da periferia a grandes empresários, e se tornou parada obrigatória para quem quer se estender pela madrugada. A cidade de Salvador não dispõe de muitos bares ou casas de shows que funcionem durante a semana até as 4 horas da manhã, como acontece com o Âncora do Marujo.

Na época da sua inauguração, em 2000, o Âncora do Marujo era o único bar que tinha shows de *drag queens* na cidade de Salvador. Em 2005, o bar Camarin, situado no Beco dos Artistas, outro reduto LGBTQIA+ de Salvador, incluiu apresentações de *drags* na programação, tendo como sua primeira *drag* a Gina D'Mascar, interpretada pelo ator Aldo Zeck, que era o gerente do bar. Em meados de 2007, os bares do Beco dos Artistas acrescentaram mais shows de *drags* em suas pautas, e o show de Gina D'Mascar, que acontecia no bar Camarin, passou a ser um fenômeno de público, com lotação máxima, atraindo cerca de 400 pessoas às quartas-feiras. Como o Âncora do Marujo sempre começou os shows das *drags* às 00:30, era uma segunda opção para o público que estava nos bares do Beco dos Artistas assistindo aos shows de transformismo. Quando acabavam as

apresentações, boa parte do público se dirigia ao bar Âncora do Marujo.

No ano de 2009, o bar Camarin deixa de funcionar e o seu espaço físico fica fechado por dois anos. Assim, o público que gostava de assistir a shows de *drags* no Beco dos Artistas voltou a frequentar com mais assiduidade o Âncora do Marujo. Em 2011, o Camarin foi subdividido em vários bares com novos donos, mas os shows de *drags* já tinham menos frequentadores, além de não possuírem o mesmo charme de antes. Após o fechamento da maioria dos bares do Beco dos Artistas, em 2014, o público *gay* que frequentava o local viu no Âncora do Marujo uma opção de entretenimento.

A sazonalidade do público do bar Âncora do Marujo segue regras próprias: em um show no meio da semana, o espaço pode estar vazio, mesmo com apresentações de *drags* famosas; mas também pode começar a encher a partir das 2 da manhã, quando as ruas da cidade estão desertas e todos os estabelecimentos fechados.

O transformismo na capital baiana ainda é algo muito restrito a locais LGBTQIA+, como bares e boates. Em paralelo a isso, nos últimos anos, a temática LGBTQIA+ e a cultura *drag* vêm ganhando amplitude nos meios de comunicação, em diversos produtos televisivos. Novelas da Rede Globo, como *Pega Pega* (2018)<sup>5</sup> e *A Força do Querer* (2017)<sup>6</sup>; e programas nacionais de TV de emissoras abertas e fechadas, como o programa norte-americano *RuPaul's Drag Race* e o *reality show Drag Me As a Queen*, são alguns exemplos. Da mesma forma, emissoras baianas noticiam eventos regionais, como *Miss Salvador Gay*, *Miss Bahia Gay* e *Miss Subúrbio Gay*. Muitas *drags* que participam desses eventos fizeram suas primeiras apresentações em locais de entretenimento como bares e boates de Salvador, sendo um deles o bar Âncora do Marujo.

---

<sup>5</sup> A novela tinha um núcleo formado por personagens *drags*, como Brigitta (Guilherme Weber), Rúbia (Gabriel Sanches) e Kika (Nando Brandão). Informação disponível em <https://queer.ig.com.br/2021-08-11/relembre-as-personagens-drags-em-pega-pega.html.ampstories>. Acesso em 30 de maio de 2022.

<sup>6</sup> Na trama, o ator Silvero Pereira vivia o personagem Nonato, que se transformava na *drag* Elis Miranda. Informação disponível em <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2021/02/20/a-forca-do-querer-eurico-descobre-que-nonato-e-drag-queen-159137.php>. Acesso em 30 de maio de 2022.



Figura 3: local onde ficam as mesas para assistir os shows no palco.

O Bar Âncora do Marujo tornou-se uma das principais referências para arte transformista na cidade de Salvador e no estado da Bahia. No local, as *drags* disputam concursos de beleza e de melhor performance que o bar realiza todos os anos, como o Garota Marujo, Talento Marujo, entre outros.

Esses eventos geram visibilidade para os atores transformistas locais, por serem noticiados em sites e programas locais de TV, e funcionam como uma porta de entrada para as *drag queens* que querem fazer carreira artística. Após serem vistas no palco do Âncora do Marujo, elas são convidadas para eventos como paradas LGBT do interior do estado da Bahia, participações em cerimônias, festas de aniversários, entre outros.

O nome do bar foi escolhido devido ao fato de que um dos sócios, Fernando, cultua a entidade Marujo. De acordo com a tradição umbandista, o Marujo é um espírito de reencarnações de marinheiros, como pescadores e soldados da Marinha. A entidade Marujo é cultuada por muitas *drags* que se apresentam no bar. Na entrada do bar Âncora do Marujo, há um altar com uma estátua do Marujo, onde são colocadas oferendas como cachimbo, cachaça, cerveja, rum e charutos.



Figura 4: altar com estátua do Marujo



### 3.1 A CULTURA *DRAG* E O ÂNCORA DO MARUJO

O bar Âncora do Marujo pode ser considerado uma escola para formação de *drag queens* em Salvador, pois geralmente as artistas iniciantes se apresentam no palco do bar e a partir daí começam a ganhar visibilidade na cidade. *Drags* mais antigas utilizam o palco do Âncora do Marujo para projetarem suas carreiras, pois o bar é frequentado por vários tipos de públicos, que assistem ao show das *drags* e assim contratam-nas para fazer apresentações em outros lugares da cidade.

Há um grande esforço na construção dos personagens *drags*, pois o ator transformista busca ensaiar as músicas que serão dubladas, preparar os vestidos que serão utilizados na apresentação, além de fazer a maquiagem para esconder ao máximo as características masculinas, o que demanda muito tempo.

Nos últimos anos, a cena soteropolitana ganhou novos tipos de *drag*, que não fazem questão de esconder muito as características masculinas, como barba e sobrancelhas cheias e grossas. Um dos exemplos é a *drag* Dandara, que me concedeu entrevista no bar Âncora do Marujo, falando sobre a carreira, para esse podcast.



Figura 5: apresentação da *drag* Dandara.

O processo de massificação de novas formas de arte *drag queen* em Salvador se deu por influência da 7ª temporada do *reality* americano *RuPaul's Drag Race*, que foi transmitido através do canal Multishow no ano de 2015. A partir desse momento, houve um grande interesse de jovens abaixo de 25 anos em fazer a arte transformista.

A *drag* RuPaul conseguiu fama estrondosa com esse *reality*, revolucionando a forma como a cultura pop enxergava as *drag queens*. Antes de ficar conhecida pela figura alta, esbelta, de cabelos loiros, RuPaul teve um passado sem grandes holofotes, em apresentações locais e com trabalhos no cinema. Ela começou sua carreira na cidade norte-americana Atlanta e se tornou conhecida na cena *drag* por atuar e dirigir diversos filmes de baixo orçamento nos anos 1980, segundo Pereira (2015, p. 42).

Entretanto, o *reality show* americano *RuPaul's Drag Race* não é o único exemplo da ampliação da cultura *drag*. O cinema, o teatro e a televisão já retratavam esse tipo de arte, trazendo *drag queens* como personagens principais nos filmes, peças e musicais. O teatro grego é considerado o ponto de partida para a análise histórica das origens das *drag queens*, em meados do século VI a. C., ao dar aos atores o poder de utilizar máscaras para performar personagens tanto masculinos quanto femininos.

No artigo “*Drag Queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas*”, Igor Amanajás (2014) explica que, a partir do teatro grego, a função de interpretar os diferentes personagens era uma atividade exclusiva do homem, mas que o ator usava não somente a máscara para interpretar papéis femininos; roupas e encheamentos também eram adicionados para a composição da personagem, algo parecido com as próteses que algumas *drag queens* utilizam atualmente para moldar o corpo.

O transformismo era considerado uma arte pejorativa e caricata décadas atrás, praticada por homens homossexuais e artistas, que se travestiam de mulher para apresentações em casas noturnas. Na atualidade, o transformismo passou a ser visto como uma expressão artística e de resistência da comunidade LGBTQIA+.

A divergência entre gênero e expressão artística sempre foi uma questão social que suscitou perguntas acerca da performance *drag*, que como explica Jesus (2012, p. 16), *drag queen* ou *drag king* representa o artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com a sua identidade de gênero ou orientação sexual.



### 3.2 PROCESSO DE PRODUÇÃO

As pesquisas sobre o Âncora do Marujo tiveram início em 2020 e se intensificaram a partir de julho de 2021, onde comecei a gravar os áudios dos shows, a conversar mais com os frequentadores do espaço sobre o início e os 22 anos de funcionamento.

Com a chegada da pandemia do coronavírus em 2020, fiz uma pausa na produção de conteúdo para o TCC e fiquei dois anos sem assistir às aulas. Entretanto, já em 2021, estive no Âncora do Marujo, que estava funcionando em horários diferentes dos habituais por causa das medidas restritivas para conter a disseminação da Covid-19.

Nos dois últimos anos de pandemia do coronavírus, o Marujo passou por algumas mudanças. As apresentações das *drags* passaram a acontecer mais cedo, por volta das 20h, devido aos decretos estaduais que determinavam o fechamento das atividades a partir das 22h. Com a melhora da situação da pandemia, os horários foram estendidos gradativamente, até chegar à liberação total, em março de 2022.

Nessas idas ao Âncora do Marujo, entrevistei algumas *drags* que tiveram seus trabalhos projetados pelas apresentações no bar. Elas falam sobre suas trajetórias como artistas e os obstáculos enfrentados na profissão, bem como a relação com o estabelecimento e com outros artistas da cena *drag queen* da cidade.

O podcast “O bar Âncora do Marujo: reduto da cena *drag* de Salvador” contém as seguintes sonoras e músicas:

#### *Episódio 1*

- Discurso da *drag* Rainha Loulou, no aniversário de 22 anos do bar;
- Discurso da *drag* Sissy Zeta Jones, no aniversário de 22 anos do bar.

#### Músicas presentes no episódio

- “Marujo” (Nizaldo Costa / Roberto Mendes) - Mariene de Castro
- “Marinheiro Só” (Domínio Público) - Clementina de Jesus
- “Ponto de Marinheiro” (Domínio Público)
- “Tech House Vibes” (Alejandro Magaña) - Música livre de royalties

- “Parabéns” (Arthur Marques / Maffalda / Pablo Bispo / Rodrigo Gorky / Zebu) - Pablo Vittar e Psirico

### *Episódio 2*

- Trecho de entrevista com a *drag* Valerie Ohara, retirado do documentário “Rua Carlos Gomes: Apogeu e resistência da comunidade LGBTQIA+”, produzido por Dino Neto e Genilson Coutinho;
- Trecho de entrevista com a *drag* Ginna D’Mascar, retirado do podcast “Causos da Noite”, produzido pelas *drags* Eva Sattiva, Flaminga e Desiré;
- Entrevistas feitas por mim no bar Âncora do Marujo, com as *drags* Melanie Manson, Dandara e Shay Rizzo.

### Músicas presentes no episódio:

- “It’s Not Right, But It’s Okay” (Remix) (LaShawn Daniels / Rodney Jerkins / Fred Jerkins III / Isaac Philips / Toni Estes) - Whitney Houston
- “Oberon” (AcroBreath) - Música livre de royalties
- “F.C.K.” (Diogo Strausz / Apollo) - Diogo Strausz e Apollo
- “Vogue” (Madonna / Shep Pettibone) - Madonna
- “Show Me Love” (Allen George / Fred McFarlane) - Robin S
- “Cara Valente” (Marcelo Camelo) - Maria Rita
- “Bonecas Pretas” (Larissa Luz / Pedro Itan) - Larissa Luz
- “Mesmo Que Seja Eu” (Roberto Carlos / Erasmo Carlos) - Marina
- “Se Acabó” (Julio Gutiérrez) - Vikki Carr

Com quase nenhuma experiência em rádio e podcasts, construí esse trabalho sobre o bar Âncora do Marujo usando a minha locução, músicas dubladas pelas *drags*, entrevistas e áudios captados durante apresentações feitas no bar Âncora do Marujo, no dia do aniversário de 22 anos do espaço, em 13 de abril de 2022. Na ocasião, havia um clima de saudosismo pelo fato de a casa não ter feito festas comemorativas durante os quase dois anos de restrições mais severas de circulação de pessoas, devido à pandemia do coronavírus.

Também foram usados áudios obtidos no aniversário da *drag* Raniely Spanik, em março de 2022, e em outros momentos em que frequentei o bar.

O processo de fazer as entrevistas para o podcast teve algumas dificuldades. Muitas *drags* não gostam de dar depoimentos, enquanto outras já não fazem mais parte do meio e não gostam de falar do assunto. É o caso da *drag* Mitta Lux interpretada por Jean Carlos, que desistiu de continuar com a sua personagem e se dedica as outras atividades.



Figura 7: aniversário de 22 anos do bar Âncora do Marujo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A longa jornada da produção deste trabalho me trouxe novas percepções sobre música, jornalismo e linguagem radiofônica. Só tive contato com radiojornalismo e suas linguagens uma única vez, durante a disciplina de Oficina de Radiojornalismo, a qual foi muito produtiva, mas os trabalhos eram mais curtos e realizados em grupos. Ao mesmo tempo, meu interesse estava mais voltado para a área de assessoria de comunicação, razão pela qual continuei no curso de Jornalismo. Assim, a experiência de produzir este TCC foi desafiadora, mas gratificante. Coletar as informações para o podcast através de pesquisas, entrevistas e conversas sobre o bar Âncora do Marujo talvez tenha sido a parte mais tranquila, por já frequentar o espaço há mais de 17 anos e ser amigo de muitas *drags* que fazem shows no Marujo.

Além de representar uma realização pessoal e acadêmica, este produto traz consigo uma função informativa e de preservação da memória do bar Âncora do Marujo, tradicional reduto LGBTQIA+ de Salvador, apresentando o espaço para novos públicos e reafirmando a importância do estabelecimento para a comunidade. Certamente, a conclusão deste trabalho representa a sensação de dever cumprido.

## REFERÊNCIAS

AMANAJÁS, I. **Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas.** *Revista Belas Artes*, São Paulo, n. 16, set-dez/2014. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/?pagina=player&slug=drag-queen-um-percursohistorico-pela-artedos-atores-transformistas>>. Acesso em 09 de maio de 2022

ASSIS, Pablo de. **O Feed e a Fidelização do Podovinte.** In: LUIZ, Lucio (org.). Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2014, edição ebook Kindle

JESUS. J. G. **Orientação sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília: Universidade Federal de Goiás – UFG, 2012.

LÓPEZ VIGIL, J. I. **Manual urgente para radialistas apaixonados.** São Paulo: Paulinas, 2003. p. 131-204

LUIZ, L.; ASSIS, P. de. **O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010. Caxias do Sul. Anais... São Paulo: Intercom, 2010.

PEREIRA, L. P. **“Bitch I’m from Recife”:** A influência do programa "RuPaul’s Drag Race" na cena drag pós-moderna da cidade de Recife. Universidade Federal de Pernambuco. 2016. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/323027476\\_Bitch\\_I'm\\_From\\_Recife\\_A\\_influencia\\_do\\_programa\\_RuPaul's\\_Drag\\_Race\\_na\\_cena\\_drag\\_posmoderna\\_da\\_cidade\\_de\\_Recife/link/5c8bb1ae45851564fadfd491/download](https://www.researchgate.net/publication/323027476_Bitch_I'm_From_Recife_A_influencia_do_programa_RuPaul's_Drag_Race_na_cena_drag_posmoderna_da_cidade_de_Recife/link/5c8bb1ae45851564fadfd491/download)>. Acesso em 22 de abril de 2022.

PRIMO, A. F. T. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting.** *Revista Intexto*, n. 13. Porto Alegre, 2005.